

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE HPV RELATADO POR CLIENTES DE UMA DROGRARIA DO MUNICÍPIO DE NATIVIDADE DA SERRA-SP

ASSESSMENT OF KNOWLEDGE ABOUT HPV REPORTED BY CUSTOMERS OF A DRUGSTORE OF THE MUNICIPALITY OF NATIVIDADE DA SERRA-SP

Silvia Cristina Fonseca¹, Josiane Delmira Correa Santos¹, Sandra Irene Sprogis dos Santos^{2*}

¹ Curso de Farmácia, FUNVIC/Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba, SP.

² Professora Doutora, Curso de Farmácia, FUNVIC/Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba, SP.

*Correspondência: siss@uol.com.br

RECEBIMENTO: 25/07/16 - ACEITE: 16/08/16

Resumo

A infecção genital pelo Papilomavírus Humano (HPV) é considerada um importante problema de saúde pública devido sua comprovada associação ao câncer do colo do útero nas mulheres e, mais raramente, ao câncer de pênis e anus nos homens. É sabido que as mulheres procuram mais os serviços de saúde disponíveis para a população que os homens e mesmo assim, as taxas de infecção por HPV no Brasil vêm aumentando na população feminina. Por outro lado, a presença masculina nos serviços de atenção primária à saúde é pouco identificada, visto que os homens preferem utilizar serviços de saúde como farmácias ou prontos-socorros. Nesse contexto, o objetivo do trabalho foi avaliar o nível de conhecimentos sobre HPV entre os gêneros. O estudo foi realizado com clientes de ambos os gêneros, por meio de um questionário sobre conhecimento de HPV, em uma drogaria particular no município de Natividade da Serra-SP. Foram entrevistados 40 homens e 40 mulheres com idade mínima de 18 anos. A avaliação dos resultados mostrou que apesar das mulheres possuírem maior conhecimento sobre HPV, verificou-se que em ambos os gêneros esse saber mostrou-se insuficiente. As conclusões foram que o HPV ainda não é devidamente divulgado e conhecido, confirmando a necessidade de campanhas de prevenção e educação que devem ser aprimoradas e instituídas em todos os setores da Saúde, incluindo as drogarias e farmácias, onde a prática de Atenção Farmacêutica pode ser uma importante ferramenta no combate a este vírus.

Palavras-chave: Papilomavírus humano. Câncer de colo uterino. Prevenção.

Abstract

Genital infection with human papillomavirus (HPV) is considered an important public health problem because of its proven association with cervical cancer in women and more rarely the penis and anus cancer in men. It is known that women seek health services available to the population than men, and even then HPV infection rates in Brazil have increased in the female population. On the other hand, the male presence in primary health care services is poorly identified since men prefer to use health services such as drugstores or emergency rooms. In this context, the objective of this study was to evaluate the level of knowledge about HPV among male and female genders. The study was conducted with customers of both genders through a questionnaire about HPV knowledge in a particular drugstore in the municipality of Natividade da Serra-SP. It was interviewed 40 men and 40 women with a minimum age of 18 years. The evaluation of the results showed that although the women have more HPV knowledge, it was found that in both genders this knowledge was insufficient. The conclusions were that HPV is not properly disclosed and known, confirming the need to be improved by prevention and education campaigns about HPV set up in all the sectors of Health, including drugstores where the practice of Pharmaceutical Care can be an important tool in the fight against HPV.

Keywords: Human papillomavirus. Cervical cancer. Prevention.

Introdução

A infecção genital pelo Papilomavírus Humano (HPV) é a doença sexualmente transmissível (DST) prevalente em todo o mundo, representando importante problema de saúde pública. Acomete células da pele e da mucosa, causando diferentes tipos de lesões tais como a verruga genital, também conhecida como condiloma, ao câncer de colo uterino nas mulheres e mais raramente o câncer de pênis e anus nos homens.¹⁻³

O vírus pertence à família Papovaviridae que compreende uma diversidade grande de subtipos, representados por mais de 120 genótipos, sendo que mais de um terço deles podem infectar o trato genital. Dentre eles, são classificados como de baixo risco oncogênico, os subtipos seis e onze que estão envolvidos com a ocorrência de lesões condilomatosas, enquanto outros genótipos como o 16 e 18, têm alto risco e são associados com o câncer de colo, de pênis e ânus.²⁻⁶

O HPV acomete homens e mulheres tanto a região genital como a extragenital e a infecção pode manifestar-se nas formas clínica, subclínica e latente. Dentre os homens predominam as formas subclínica e assintomática e, portanto, são considerados propagadores do vírus, não excluindo a possibilidade de desenvolverem a doença, já a forma mais prevalente da infecção, entre as mulheres, é subclínica e clínica destacando, porém, que mais de 90,0% das infecções regredem espontaneamente.⁷

A transmissão acontece pelo contato físico, geralmente sexual ou com a pele infectada², havendo estudos relatando outros meios como por via nosocomial, por fômites, materno fetal ou através de instrumentos ginecológicos não estéreis.⁷

Os principais fatores de riscos para infecção por HPV nas mulheres são: início precoce da atividade sexual, relação sexual sem proteção e multiplicidade de parceiros, observando-se ainda fatores que corroboram com a infecção pelo HPV tais como tabagismo, uso de contraceptivos, ou relacionados com a diminuição da imunidade como dieta pobre em folatos e betacaroteno, uso de corticoides e infecção pelo HIV.^{7,8} Em relação aos fatores de risco da população masculina a literatura refere que alguns grupos de risco, tais como homens que fazem sexo com homens, têm taxas significativamente mais elevadas de doenças relacionadas ao HPV, como nos casos de câncer anal e peniano. O risco de ocorrência de câncer anal é 44 vezes maior nos homens desse grupo específico de risco do que a população em geral e o risco chega ser 60 vezes maior entre os homens que fazem sexo com homens que são soropositivos para HIV.^{3,4,9}

Segundo Newman et al.,⁹ a papilomatose humana é a DST mais comum que acomete homens

e mulheres, revelando que nos Estados Unidos, metade da população de homens e mulheres sexualmente ativos irão contrair HPV em algum momento de suas vidas. Estimativas no Brasil, referem que existem aproximadamente 34 milhões de portadores do HPV, do sexo masculino e feminino.⁸ Nesse contexto, Osis et al.¹⁰ acrescentam que numa revisão da literatura com base em pesquisas com mulheres de diversas regiões do Brasil, evidenciaram prevalência de HPV entre 14,0% e 54,0% nas mulheres em geral, e de 10,0% a 24,0% em mulheres assintomáticas. Dados do Ministério da Saúde¹¹ revelam que o principal fator de risco para o desenvolvimento do câncer do colo do útero é a infecção pelo HPV, sendo que a persistência do agravo, pode levar a transformações intraepiteliais progressivas que podem evoluir para lesões precursoras do câncer do colo do útero, as quais, se não diagnosticadas e tratadas oportunamente, evoluem para o câncer do colo do útero.

A prevenção do desenvolvimento da papilomatose está associada ao tratamento e remoção das verrugas e a prevenção da contaminação desse vírus pode ser obtida com a utilização das vacinas (bivalente e quadrivalente) bem como uso de métodos de barreiras nas relações sexuais e cuidados higiênicos. Esta vacina protege contra os subtipos 6, 11, 16 e 18 do HPV sendo que os dois primeiros estão associados às verrugas genitais e os dois últimos são responsáveis por cerca de 70% dos casos de câncer do colo do útero.^{4,7,11}

Por outro lado, são escassas as publicações que avaliaram o conhecimento da população brasileira acerca do HPV. Os estudos existentes, no geral, foram realizados com pequenas amostras e revelam que a maior parte das mulheres e dos homens tem pouco conhecimento sobre esse vírus, não tendo a percepção da magnitude dessa infecção em termos de saúde pública. Essa falta de informação a respeito da infecção por HPV, pode resultar na formação de concepções incorretas que interferem negativamente no comportamento do portador do vírus frente ao seu contexto social e na maioria das vezes esse paciente só vai adquirir algum conhecimento quando já está sintomático, procurando tratamento.^{2,10}

Assim, devido à dimensão dos problemas relacionados ao HPV, torna-se de extrema importância uma maior abordagem sobre esse vírus. Por sua vez, a avaliação do conhecimento da população em relação ao tema em tela, poderá fornecer subsídios para elaboração de ações educativas e de conscientização, visando conter o avanço do HPV. Nesse sentido, a atenção

farmacêutica poderá ser um dos instrumentos de apoio para alcançar tal meta.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi avaliar o conhecimentos sobre HPV entre os gêneros, numa clientela de uma drogaria no município de Natividade da Serra-SP.

Método

O presente trabalho foi delineado como estudo descritivo, transversal e quantitativo, tendo sido realizado no período de julho a agosto de 2014 numa Drogaria particular do município de Natividade da Serra pertencente à Região Metropolitana do Vale do Paraíba-SP.

Participaram como informantes 40 mulheres e 40 homens, escolhidos aleatoriamente dentre os clientes que frequentaram o estabelecimento no período do estudo e que atenderam aos critérios de inclusão definidos como: mulheres e homens na faixa etária entre 18 e 59 anos que desejassem participar do estudo, mediante a anuência por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados foram obtidos a partir de formulário estruturado por sete questões objetivas, de múltipla escolha e fechadas, além da informação do sexo e idade que foram anotados. Este instrumento foi aplicado, por uma das autoras, sendo garantido o sigilo das informações. Os temas abordados no formulário incluíram definições,

modos de transmissão, sintomas, prevenção e sua relação com o câncer de colo uterino. Para verificar a associação entre as variáveis, aplicou-se o teste do Qui-quadrado, fixando-se em 5% o nível de rejeição da hipótese de nulidade e assinalaram-se com asterisco os valores significantes que foram expressos em tabela. Os resultados foram comparados com os dados da literatura.

Esta pesquisa está de acordo com as normas da Resolução 466/2012/CNS/MS, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa/Conselho Nacional de Saúde (CONEP/CNS), sendo o projeto encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos da Faculdade de Pindamonhangaba-SP com o protocolo 305/2014

Resultados

Os dados obtidos referem-se a 80 clientes da drogaria que foram selecionados segundo os critérios de inclusão e exclusão e que assinaram o termo de consentimento livre esclarecido.

A faixa etária das 40 mulheres variou entre 18 e 55 anos, sendo a idade média 34,2 anos, enquanto a faixa etária dos 40 homens variou entre 18 e 52 anos, com idade média de 30,8 anos. A distribuição das faixas etárias por gênero é demonstrada na figura 1. As variáveis estudadas sobre o conhecimento de HPV, segundo os gêneros masculinos e femininos são apresentadas na tabela 1.

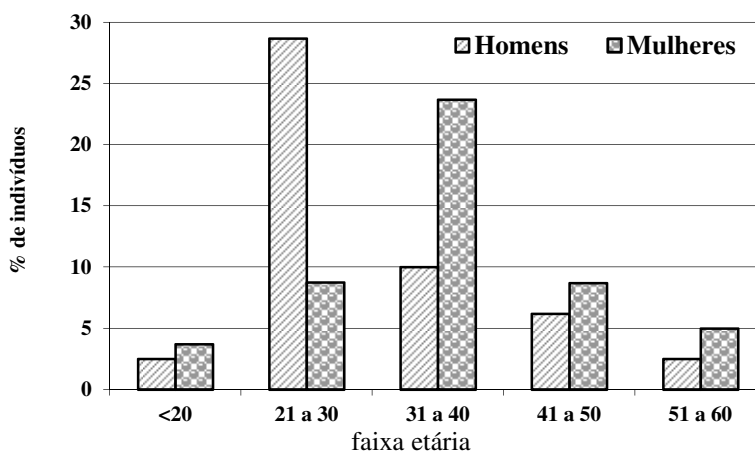


Figura 1- Distribuição segundo a faixa etária, do percentual de homens e mulheres clientes de uma drogaria particular do município de Natividade da Serra-SP quanto ao conhecimento sobre HPV

Tabela1- Número e percentuais de respostas sobre o conhecimento relativo ao HPV segundo gênero masculino e feminino, obtidas de clientes de uma drogaria particular do município de Natividade da Serra-SP

Variáveis	Homens		Mulheres		Total	
	n=40	%	n=40	%	n=80	%
Já ouviu falar em HPV? *						
Nunca ouvi falar	4	10,0	3	7,5	7	8,7
Já ouvi falar, mas não sei que	30	75,0	15	37,5	45	56,2
Se já ouviu falar e sabe o que é	6	15,0	22	55,0	28	35,0
HPV é? *						
Uma DST, causada por vírus	21	52,5	10	25,0	31	38,7
Uma DST, causada por bactérias	19	47,5	25	62,5	44	55,0
Não é uma DST	0	0	5	12,5	5	6,2
Em sua opinião a infecção por HPV afeta:						
Apenas homens	8	20,0	2	5,0	10	12,5
Apenas mulheres	15	37,0	18	45,0	33	41,2
Ambos os sexos	17	43,0	20	50,0	37	46,2
Como é contraído o HPV						
Sexo oral, anal ou vaginal	28	70,0	30	75,0	58	72,5
Contato de pele ou mucosas	3	7,5	0	0	3	3,7
Uso compartilhado de toalhas e roupas íntimas	0	0	2	5,0	2	2,5
Piscinas e saunas	0	0	0	0	0	0
Através do sangue	5	12,5	4	10,0	9	11,2
Não sabe	4	10,0	4	10,0	8	10,0
O HPV pode causar câncer de colo de útero? *						
Sim	16	40,0	25	62,5	41	51,2
Não	24	60,0	15	37,5	39	48,7
Em sua opinião, uma pessoa que está com HPV sempre tem sintomas ou esta pessoa pode parecer perfeitamente saudável? *						
Sempre aparenta a doença	16	40,0	28	70,0	41	51,2
Sempre parece saudável	10	25,0	12	30,0	35	43,7
Às vezes pode parecer doente	14	35,0	0	0	14	17,5
A prevenção pode ser feita através de:						
Uso de camisinha	22	55,0	20	50,0	42	52,5
Realização do exame Papanicolaou e uso de camisinha	14	35,0	15	37,5	29	36,2
Evitar usar banheiro público	0	0	1	2,5	1	1,2
Evitar contato através de pele	0	0	0	0	0	0
Tomando vacina	4	10,0	4	10,0	8	10,0

* Qui quadrado $p < 0,005$

Discussão

No presente estudo, verificou-se que as faixas etárias com maior frequência entre os gêneros foi de 28,7% de homens entre 21 a 30 anos e 23,7% de mulheres entre 31 a 40 anos. Costa e Goldemberg⁷ afirmam que os homens, culturalmente, não costumam ir aos serviços de saúde, eles só procuram quando apresentam sintomas e/ou após iniciativas de automedicação o que poderia responder ao percentual de frequência encontrado na população masculina que visitou a drogaria. Diferindo dos resultados apresentados nesse trabalho, Ruppenthal e Petrovick¹² afirmam que a frequência de indivíduos em faixas etárias

mais elevadas é notória na maioria dos estabelecimentos farmacêuticos pelo maior número de doenças crônico-degenerativas que afetam os idosos, característica esta, que marca o processo de envelhecimento. Porém, ressaltam que as mulheres que são as mais assíduas frequentadoras desses estabelecimentos, quando representam a maioria em faixas etárias mais jovens, seria em consequência do consumo de contraceptivos orais. Já Silva et al.,¹³ em trabalho sobre automedicação, observaram que a faixa etária com maior concentração de clientes era dos 18 a 39 anos com 52,4% dos indivíduos estudados. Outros estudos como de Lima et al.¹⁴

sobre aceitação de medicamentos genéricos e de Duarte e Malta Junior¹⁵ que trataram como tema a automedicação referem percentuais semelhantes ao do presente estudo.

Em relação a variável analisada, quando questionados se já ouviram falar em HPV, houve significância estatística ($p < 0,001$) para as respostas emitidas pelos participantes. Assim, 75% dos homens disseram “ter ouvido mas não sabem o que é”. Imbiriba et al.¹⁶ num trabalho realizado com homens com idade entre 18 e 54 anos, observou também que a maioria (56%) já tinha ouvido falar sobre o assunto, mas mostraram falta de conhecimento para conceituar corretamente. Em relação às mulheres, 55% delas afirmaram que já ouviram falar e sabem o que é. Esse resultado corrobora com outros estudos como o de Osis et al.¹⁰ relatando que pouco menos de 2/5 de um total de 538 entrevistados referiram ter ouvido falar sobre o HPV e a análise bivariada daquela amostra, demonstrou associação com a população feminina.

Em estudos envolvendo jovens universitários, com predominância feminina, a literatura refere conhecimento do HPV de cerca de 65,8% a 76,0% da amostra⁷. Já em estudos com populações de mulheres nas faixas etárias de 40 a 60 anos, foram reportados percentuais de 86,7%⁵.

Quando foi perguntado sobre o que era o HPV, em torno de 52,5% dos homens disseram ser um vírus e 62,5% das mulheres disseram ser uma bactéria tendo também evidenciado significância estatística ($p = 0,0028$). Divergindo destes resultados, Silveira⁸ no seu trabalho com universitários, revela que em seu estudo, quando se perguntou o que era o HPV, 93,4% do total disseram que era um vírus e apenas 6,6% disseram que era uma bactéria. Pode-se inferir que tal percentual está associado ao tipo de amostra que era constituída de estudantes de terceiro grau, pressupondo que tal população tem acesso a um nível maior de conhecimento.

Concepções incorretas a respeito da morfologia podem gerar manipulações incorretas no diagnóstico e tratamento por parte do portador, que muitas vezes só fica sabendo do que se trata o HPV quando já é sintomático e procura tratamento. Assim, o reconhecimento de que se trata de um agente viral, implica também numa melhor compreensão das formas de transmissão e, conseqüente prevenção². Porém é importante destacar que informações cientificamente corretas sobre o HPV, devem ser compatíveis e contemplar o entendimento por parte dos diferentes estratos sociais que vão acessar e processar essas informações.¹⁰

Verificou-se que 43% dos homens e 50% das mulheres afirmaram que o HPV afeta ambos os

gêneros. Nesse contexto, Costa e Goldemberg⁷ referem em seu trabalho que 62 a 66% de universitários questionados informaram também que o HPV acomete homens e mulheres, porém ressaltam que no imaginário deles, a doença acomete mais as mulheres do que os homens⁷ ou, ainda, as complicações são mais graves para elas.

Em relação às formas de transmissão do HPV, 70% dos homens e 75% das mulheres afirmaram ser possível contrair por sexo oral, anal ou vaginal, porém chama a atenção que 12,5 % dos homens e 10,0% de mulheres afirmaram que o vírus pode ser transmitido pelo sangue. Quanto a forma de transmissão a maioria dos trabalhos evidencia que mais da metade dos indivíduos pesquisados sabem que a principal via de transmissão é o contato sexual.^{2,5-8,10,17} Costa e Goldemberg⁷ também comentam sobre a concepção errônea das vias de transmissão quando referem que parte de seus respondentes também associaram HPV a transmissão sanguínea.

Quando questionados se o HPV poderia causar câncer de colo uterino, 40% dos homens e 62,5% das mulheres afirmaram que sabiam dessa correlação ($p = 0,0441$). Carijo et al.⁶ estudando o conhecimento de universitárias sobre o vírus, referem que, em relação ao câncer de colo de útero 66,37% associaram ao HPV e Costa e Goldemberg⁷ num estudo também com jovens universitários referem percentuais de 29,1% e 39,3% entre aqueles que associaram o HPV com o câncer de colo de útero. Assim, vários autores ressaltam que embora eles reconheçam o HPV como uma DST, muitos não a associam com o câncer de colo uterino, fato esse, extremamente preocupante.¹⁷

Quando questionados sobre os sintomas, 40% dos homens e 70% das mulheres disseram que um indivíduo com HPV “sempre aparenta a doença”, e 25% dos homens e 5% das mulheres disseram que “sempre parece saudável” ($p < 0,001$). Confirma-se, portanto, um desconhecimento em relação aos sinais, sintomas que podem prejudicar possíveis ações de prevenção¹⁶, considerando o fato de que os homens apresentam a forma subclínica e latente da infecção podendo tanto propagar o vírus como também desenvolverem a doença. Já em relação às mulheres, elas também podem desenvolver lesões subclínicas que tanto podem regredir espontaneamente como progredir para lesões neoplásicas.^{2,7}

No quesito a respeito da prevenção, metade da população masculina e metade da feminina declararam que o controle da doença pode ser feito pelo uso do preservativo masculino, no entanto a maioria desses mesmos participantes, já haviam assumido o num quesito anterior, que o HPV

tratava-se de uma DST e ainda, apenas 35% dos homens e 37,5% das mulheres associaram como método preventivo a realização do exame Papanicolaou e o uso de camisinha como formas de prevenção. O percentual em torno de 50% referente ao uso do preservativo é bem inferior aos citados na maioria dos trabalhos, cujos percentuais são superiores a 80%^{2,6-8}. Apenas Pimenta et al.¹⁷ e Silveira et al.⁵ referiram valores em torno de 50,0% de mulheres que mencionaram o preservativo como forma de prevenção de HPV. Desse modo o presente trabalho evidencia a marcante falta de informação a respeito da infecção por HPV como já foi citado pela maioria dos autores pesquisados.

É interessante destacar a explanação de Pimenta et al.¹⁷ onde eles descrevem que a população feminina no geral considera a mulher vulnerável à infecção por DST, porém não reconhece em si própria a -condição de risco e assim, acaba não utilizando preservativos por confiança no parceiro. Os autores concluem que apesar da conscientização de sua própria vulnerabilidade as mulheres mantêm o comportamento de risco. Já Costa e Rosemberg⁷ ponderam que os homens acreditam que seu papel é de propagar o vírus para as mulheres, o que tem fundamentação científica, mas essa postura propicia a negação do risco de contrair o HPV ou outras DST, lembrando que os homens podem desenvolver câncer de pênis, assim como câncer na cavidade oral, ainda que com frequência muito menor que a ocorrência de câncer de colo nas mulheres.

Sobre a vacina, 10% de homens e mulheres citaram-na como forma de prevenção. Este percentual corrobora os dados apontados por outras pesquisas^{8,10} justificando uma baixa proporção de homens e mulheres que tinham “ouvido falar” das vacinas contra o HPV porque, embora as vacinas já estejam em uso atualmente no Brasil, por ocasião da pesquisa, só estavam disponíveis na rede privada. Osis et al.¹⁰ ressaltam que pelos resultados da pesquisa, a maioria dos entrevistados se vacinaria e vacinaria um filho ou uma filha se a vacina estivesse disponível na rede pública de saúde, sinalizando

assim um panorama positivo para futuras ações de preventivas. A literatura também reporta trabalhos que mostram a importância de programas de vacinação para homens em geral e para aqueles que pertencem a grupos de risco específicos como os bissexuais e homossexuais.^{3,4,9}

Nunes et al.¹⁸ num estudo de revisão de literatura acerca da eficácia da vacina contra HPV destacaram elevados índices de redução de lesões precursoras associadas a esses vírus, ressaltando porém, que publicações acerca da eficácia desse imunobiológico são escassas e com inconsistências fato que gerou certa resistência à vacinação das adolescentes durante a campanha do ano de 2014. Em acordo com o autor acima, o Ministério da Saúde também recomenda a realização do exame preventivo de Papanicolaou mesmo em mulheres vacinadas, a fim de acompanhar a redução da ocorrência de câncer na população e de lesões associadas aos outros tipos e subtipos de HPV os quais, a vacina não oferece cobertura.

Conclusão

Conclui-se de acordo com os resultados obtidos, que o HPV ainda não é amplamente conhecido e que, embora as mulheres tenham apresentado maior conhecimento em relação aos homens, em ambas populações o conhecimento ainda é insuficiente.

Deste modo, confirma-se a necessidade de campanhas de prevenção e educação sobre HPV que devem ser aprimoradas e instituídas em todos os setores da Saúde, incluindo as drogarias e farmácias onde a prática de Atenção Farmacêutica pode ser uma importante ferramenta no combate e prevenção ao HPV.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao Prof. MSc. Guilherme Muniz Pereira Chaves Urias pela contribuição no tratamento estatístico dos dados

Referências

1. Pinheiro MM, Queiroz LLC, Queiroz RCCS, Lima JMMP. HPV e o desenvolvimento de neoplasias: uma revisão integrativa de literatura. *Rev Ciênc Saúde*. 2013;15(1):19-27.
2. Panobianco MS, Lima ADF, Oliveira ISB, Gozzo TO. O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. *Texto Contexto Enferm*. 2013;22(1):201-7.
3. Wheldon CW, Daley EM, Buh ER, Nyitray AG, Giuliano AR. Health beliefs and attitudes associated with HPV vaccine intention among Young gay and bisexual men in the southeastern United States. *Vaccine* 2011;29:8060-5.
4. Kim JJ. Weighing the benefits and costs of HPV vaccination of young men. *N Engl J Med*. 2011;364(5):393-5.

5. Silveira CF, Melo MM, Rodrigues LR, Parreira BDM. Conhecimento de mulheres de 40 a 60 anos sobre o Papillomavirus humano. *Rev Rene*. 2011;12(2):309-15.
6. Carijo MG, Spada PKWDS, Torriani T. Avaliação do conhecimento sobre Papilomavírus humano em jovens universitárias da cidade de Santa Maria – RS. *Ciência em Movimento*. 2014;16(33):9-16.
7. Costa LA, Goldenberg P. Papilomavírus Humano (HPV) entre Jovens: um sinal de alerta. *Saúde Soc*. 2013;22(1):249-61.
8. Silveira GA, Ferraz BG, Conrado GAM. Conhecimento dos universitários sobre HPV e câncer de colo uterino em uma Faculdade privada localizada no sertão de Pernambuco. *Saúde Coletiva em Debate*. 2012;2(1):87-95.
9. Newman PA, Logie CH, Doukas N, Asakura K. HPV vaccine acceptability among men: a systematic review and meta-analysis. *Sex Transm Infect*. 2013;89:568-74.
10. Osis MJD, Duarte GA, Sousa MH. Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil. *Rev Saúde Pública*. 2014;48(1):123-33.
11. Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do câncer - INCA Câncer do colo do útero. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/sintese-de-resultados-comentarios.asp>> Acesso em: maio 2016.
12. Ruppenthal LR, Petrovick PR. Comparação do perfil dos usuários e dos medicamentos dispensados na farmácia popular do Brasil e em drogaria privada em Porto Alegre, Brasil. *Lat Am J Pharm*. 2010;29(1):22-9.
13. Silva JAC, Gomes AL, Oliveira JPS, Sasaki YA, Maia BTB, Abreu BM. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. *Rev Bras Clin Med*. 2013;11(1):27-30.
14. D'Avilla PSD, Malta Junior A. Perfil da automedicação em uma farmácia de dispensação em Barbalha-CE. *Rev e-Ciênc*. 2015;3(2):66-73.
15. Lima TR, Ferreira RM, Iásbeck AMM, Fialho SM, Vargas AMP, Franco AJ. Avaliação do conhecimento e da aceitação de medicamentos genéricos pela população do município de São Miguel do Anta, Minas Gerais, Brasil. In: *Anais V SIMPAC*; jan 2013; Viçosa, MG;5(1):241-6.
16. Imbiriba MMBG, Sá AMM, Almeida MN, Carmo EA, Santos AP, Carneiro MS. Conhecimento de homens adultos sobre o HPV antes e após uma ação educativa. In: *Anais do 16º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem*; 19-23 jun 2011; Campo Grande, MS; 2011. p. 2925-7
17. Pimenta ATM, Melli PPS, Duarte G, Quintana SM. Conhecimento de mulheres sobre alguns aspectos do papiloma vírus humano. *Medicina (Ribeirão Preto. Online)*. 2014;47(2):143-8.
18. Nunes CBL, Arruda KM, Pereira TN. Apresentação da eficácia da vacina HPV distribuída pelo SUS a partir de 2014 com base nos estudos Future I, Future II, e Villa et al. *Acta Biomedica Brasiliensia*. 2015;6(1):1-9.